



A análise de textos conexos nas escrituras cristãs

The analysis of related texts in Christian scriptures

**Carlos Flávio Teixeira*

*** Kevin Vinicius Felix Oliveira*

Resumo:

Na Bíblia, livro rico em nuances literárias, nota-se uma vasta gama de recursos utilizados pelos escritores para construir e apresentar seus textos. Um exemplo claro é o uso de menções diretas, como em Atos 2:16-17, onde é citado textualmente o profeta Joel (2:28-29). Além disso, o escritor bíblico recorre a menções indiretas, como em Hebreus 11, que constrói uma rica combinação a partir de várias passagens anteriores, demonstrando a habilidade em estabelecer conexões entre diferentes partes da Escritura. Atualmente, diversos estudos têm sido publicados com o objetivo de mapear e sistematizar esses recursos, propondo-se os qualificar como citação, alusão e eco. No entanto, as classificações e interpretações dessas ocorrências são variadas e, por vezes, divergentes. Nesse contexto, surge a questão: há, no texto bíblico, evidências de reusos de textos que atestam a ocorrência de todos esses recursos? Esta pesquisa busca refletir sobre o tema, revisitando o debate atual sobre as possíveis indicações de citações, alusões e ecos. O estudo será conduzido com base no método de interpretação gramático-histórico-canônico, em conjunto com o método de pesquisa de revisão bibliográfica. Esforços serão feitos para (1) recapitular as propostas de definição da intratextualidade bíblica e seu contraste em relação às propostas mais recentes de intertextualidade da Bíblia, evidenciando a importância dessa diferenciação para a sua interpretação; (2) descrever as principais propostas de abordagens para o estudo de textos paralelos, explorando suas possíveis caracterizações teológicas;

*Doutor em Ciências da Religião, na especialidade de Teologia Sistemática pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professor no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT). Contato: carlosflavioteixeira@gmail.com

** Mestrando em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Contato: oliveirakevinvinicius@gmail.com

Revista de Cultura Teológica

Texto enviado em
25.03.2025

Aprovado em
17.11.2025

Ano XXXIII - V. 34 - Nº 111
Mai - Dez 2025



Programa de Estudos
Pós Graduação em
Teologia - PUC/SP

e (3) revisitar as principais propostas de catalogação das ocorrências destacáveis de textos paralelos nas Escrituras.

Palavras-chave: Bíblia; Intratextualidade; Intertextualidade; Classificação; Ocorrências.

Abstract:

In the Bible, a book rich in literary nuances, we can note a wide range of resources used by writers to construct and present their texts. A clear example is the use of direct references, as in Acts 2:16-17, where the prophet Joel is quoted verbatim (2:28-29). Furthermore, the biblical writer resorts to indirect references, as in Hebrews 11, which builds a rich combination from several previous passages, demonstrating his skill in establishing connections between different parts of Scripture. Currently, several studies have been published aiming to map and systematize these resources, proposing to classify them as quotation, allusion, and echo. However, the classifications and interpretations of these occurrences are varied and sometimes divergent. In this context, the question arises: Is there, in the biblical text, evidence of reuse of texts that attest to the occurrence of all these resources? This research seeks to reflect on this topic, revisiting the current debate on the possible indications of quotations, allusions, and echoes. The study will be conducted based on the grammatical-historical-canonical method of interpretation, in conjunction with the bibliographic review research method. Efforts will be made to (1) recapitulate the proposed definitions of biblical intratextuality and their contrast with more recent proposals on biblical intertextuality, highlighting the importance of this distinction for its interpretation; (2) describe the main proposed approaches to the study of parallel texts, exploring their possible theological characterizations; and (3) revisit the main proposals for cataloging the notable occurrences of parallel texts in Scripture.

Keywords: Bible; Intratextuality; Intertextuality; Classification; Occurrences.

1. Introdução

A Bíblia, ao longo de sua ampla e complexa narrativa textual, apresenta uma riqueza literária única e uma variedade de abordagens¹. As citações diretas - quando um autor bíblico recorre expressamente a obras anteriores - estão entre esses recursos. Esse uso é evidente, por exemplo, em Atos 2:16-17, ponto em que o escritor cita diretamente o profeta Joel (2:28-29) para validar e contextualizar os eventos descritos. Esse recurso conec-

1. Salvo indicação diferente, a versão da Bíblia usada neste artigo é a Almeida Revista e Atualizada (ARA), 2ª edição, 1993.

ta o presente ao passado e reforça a continuidade da revelação divina ao longo das Escrituras, confirmando ao texto sua autoridade.

Na Bíblia também há o uso de citações indiretas, por meio das quais o escritor cria um diálogo implícito com textos anteriores. Por exemplo, o capítulo 11 do livro de Hebreus é uma passagem notável que conecta indiretamente várias histórias bíblicas, criando uma combinação de referências. Nesse capítulo, o escritor não se limita a citar um texto específico; em vez disso, ele constrói uma linha narrativa que percorre as histórias de fé dos personagens bíblicos, mostrando como essas histórias se relacionam entre si para formar uma perspectiva coesa sobre a fé ao longo do tempo.

A investigação dessas conexões textuais entre diferentes partes da Bíblia possui uma longa tradição na história da pesquisa bíblica. Desde os primeiros comentaristas e estudiosos, a identificação de relações entre passagens do Antigo e do Novo Testamento, ou entre diferentes livros do Antigo Testamento, tem sido um elemento essencial na busca por uma compreensão mais profunda do sentido das Escrituras.

Tendo em vista tais ocorrências, a pesquisa acadêmica no campo hermenêutico tem se concentrado no mapeamento e sistematização dos recursos literários usados pelos escritores bíblicos. Trabalhos têm sido escritos na tentativa de identificar e entender o que se classifica como: citações, alusões e ecos. Essas pesquisas mostram a complexidade da composição da Bíblia e a intenção dos escritores ao reutilizar e rerepresentar dados antigos (O'DAY, 1990, p. 259-260). Mas, muitas vezes, as explicações para esses usos divergem, o que leva a discussões acadêmicas sobre a natureza e a extensão desses recursos (MILLER, 2011, p. 283-285; ESLINGER, 1992, p.47-58). Nesse contexto, emerge uma pergunta fundamental: há, no texto bíblico, evidências de reusos de textos que atestam a ocorrência dos recursos literários conforme atualmente propostos? Com essa questão em mente, o objetivo adiante é revisitar a discussão atual sobre o tema, bem como identificar as opiniões de estudiosos acerca da

identificação e classificação dos textos bíblicos conexos² com o fim de checar “se” e “como” os escritores usaram recursos como citações, alusões e ecos (ou outros). Para o fim proposto, o estudo será conduzido com base no método de interpretação gramático-histórico-canônico³, empregado mediante revisão da literatura que trata do tema. O trabalho será dividido em três etapas. A primeira objetiva relembrar as principais perspectivas de definição da intratextualidade bíblica e destacar seu contraste em relação às propostas mais recentes de intertextualidade. A segunda buscará descrever as principais descrições técnicas utilizadas na interpretação de textos paralelos e como são caracterizadas por seus mais conhecidos proponentes. E, por fim, a terceira parte buscará revisar algumas propostas de levantamento das ocorrências de textos paralelos nas Escrituras.

2. Intratextualidade bíblica

A aplicação do conceito crítico literário de intertextualidade ao estudo da Bíblia, definido por Kristeva (1969) como um mosaico de ideias, apresenta desafios epistemológicos, especialmente quando se considera a natureza peculiar e a produção complexa dos textos bíblicos. Em contraste com a intertextualidade, que analisa as relações entre textos distintos, a intratextualidade se concentra nas conexões dentro de um mesmo texto ou corpus textual, como no caso das Escrituras. Essa abordagem, que também pode ser denominada interconexão (TULL, 1991, p. 165), exegese intrabíblica (BUCHANAN, 1990 apud MOYISE, 2000, p. 15) ou mesmo ser observada através de anotações e adaptações (SARNA, 1981, p. 34-36; FISHBANE, 1985, p. 343-361), mostra-se mais promissora para a análise de textos paralelos na Bíblia.

2. Entende-se por textos bíblicos conexos as porções textuais que estão ligadas entre si por fórmulas de citação ou usos de paralelos verbais, temáticos e/ou estruturais.

3. O método gramático-histórico-canônico é empregado para identificar e interpretar as conexões textuais na Bíblia. A análise gramatical examina a linguagem e os termos usados para detectar citações, alusões e ecos, enquanto a perspectiva histórica considera o contexto cultural e autoral das passagens. A abordagem canônica, por sua vez, destaca a unidade teológica das Escrituras, permitindo mapear como os textos se interconectam para reforçar a continuidade da revelação divina. Complementarmente, a revisão bibliográfica sistematiza as propostas de classificação desses recursos, fornecendo uma base teórica sólida para a análise.

As menções relacionadas no Antigo Testamento evidenciam essa dinâmica textual conexa, ilustrando como textos anteriores são reutilizados e reafirmados posteriormente. Um exemplo claro está em Josué 1:7-8, onde a frase “toda a lei que meu servo Moisés te ordenou” possivelmente faz referência ao Pentateuco, demonstrando a influência da Torá nos livros históricos. Avançando na ordem da Bíblia Hebraica, encontramos em 2 Reis 14:6 e 2 Crônicas 25:4 menções ao “Livro da Lei de Moisés”, que remetem a Deuteronômio 24:16, onde a responsabilidade individual pelos pecados é discutida. Essa conexão ilustra como os livros históricos se apoiam em preceitos da Torá. Nos Escritos, Daniel 9:11-13 alude às maldições e advertências da “Lei de Moisés”, fazendo referência a Levítico 26 e Deuteronômio 28, evidenciando a continuidade da influência do Pentateuco. Ainda nos Escritos, a figura de Ciro conecta as profecias de Isaías 44:28 e 45:1 (Profetas) com 2 Crônicas 36:22-23 e Esdras 1:1-3, demonstrando como um tema profético é retomado e expandido em livros históricos posteriores.

No Novo Testamento, essa prática de reutilização e conexão entre textos também é evidente. Lucas 10:7, por exemplo, ecoa Deuteronômio 25:4 ao abordar a remuneração dos trabalhadores, demonstrando como os evangelhos se conectam com a Lei Mosaica. Avançando para as cartas, observamos Paulo em 1 Timóteo 5:18 citando Deuteronômio 25:4 e Lucas 10:7, estabelecendo uma ponte entre a Torá, os evangelhos e as instruções aos cristãos. Ainda nas cartas, a Epístola de Judas (1:17-18), ao mencionar os “escarnecedores”, dialoga com 2 Pedro 3:3, evidenciando a interação entre diferentes autores e a busca por consolidar a doutrina. Tiago (2:21-24), por sua vez, parece interagir com Romanos 4:1-3 ao discutir a justificação pela fé e pelas obras, revelando um rico diálogo entre as cartas paulinas e as demais epístolas.

A comparação entre os relatos da criação de Gênesis 1 e 2 é outro exemplo importante. A cosmogonia universal e ordenada é apresentada no primeiro capítulo, enquanto a antropocêntrica aborda a criação do homem e sua relação com Deus no segundo capítulo (DOUKHAN, 2016, p. 41, 43; FROLOV, 2018, p. 19; MORGENSTERN, 1920, p. 169). Contudo, outro eixo teológico importante da Bíblia é a relação entre pecado e redenção, que começa com a descrição da queda em Gênesis 3. Em Romanos 5:19, o apóstolo Paulo discute esse assunto

comparando Adão e Cristo, dizendo: “Porque, como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também pela obediência de um só muitos se tornarão justos”. Ao conectar o Antigo Testamento ao Novo Testamento e enfatizar o papel de Cristo na história da salvação, essa tipologia adâmica, demonstra a unidade temática da Bíblia (LOMBARD, 1981, p. 69).

Outro possível exemplo é o Evangelho de Mateus, sendo um verdadeiro tesouro de intratextualidade bíblica, com muitas citações diretas do Antigo Testamento que mostram como as profecias messiânicas foram cumpridas em Jesus Cristo. Por exemplo, Mateus cita diretamente Oseias 11:1 ao contar a fuga da Sagrada Família para o Egito e seu retorno. De maneira semelhante, a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém é descrita como a realização da profecia de Zacarias 9:9. Os salmos falam da ressurreição como a vitória sobre a morte, enquanto o Salmo 22:1 fala da paixão de Cristo, que é representada pela angústia de Jesus (LUZ, 2004, p. 125-127).

Notadamente, textos do Novo Testamento também apresentam citações indiretas sobre temas teológicos existentes no Antigo Testamento. Em Hebreus, essa característica se manifesta de forma evidente através de citações indiretas a passagens do Antigo Testamento. A figura de Melquisedeque (Gn 14:18-29), por exemplo, é retomada e apresentada como um tipo cristológico em Hebreus 7. Ao longo da carta, o escritor estabelece um diálogo constante com o culto levítico, contrastando-o com o sacerdócio superior de Cristo (Hb 7:11-19; 9:11-14). A história do êxodo do Egito é reconhecida como tipologia da libertação do pecado, apresentada assim como um modelo para a salvação em Cristo (Hb 9). A fé de Abraão e o sacrifício de Isaque (Hb 11:8-10) são apresentados como exemplos paradigmáticos de fé, demonstrando a importância da obediência à vontade divina (DELCOR, PEARSON, 1971, p. 125-127; ATTRIDGE, 1986, p. 6-9).

Para uma interpretação sólida e biblicamente contextualizada, a análise intratextual é essencial. Essa análise busca identificar e interpretar as conexões identificáveis entre os vários textos bíblicos. Mediante a exegese e o mapeamento das relações textuais, o pesquisador é capaz de elucidar o significado original

dos textos, evitando interpretações arbitrárias e alcançando interpretações mais amplamente contextualizadas. Este método permite uma interpretação que leva em consideração a coerência e a unidade teológica das Escrituras. Portanto, a análise intratextual ajuda na hermenêutica que busca uma compreensão da mensagem bíblica em sua integralidade.

3. Elementos de intratextualidade bíblica

Esta seção se propõe a apresentar as principais propostas que permeiam a análise de textos conexos, com ênfase nas diversas formas de intratextualidade e suas implicações na construção de significado. Serão apresentadas e detalhadas as principais definições e abordagens metodológicas propostas, atualmente chamadas de “citação”, “alusão” e “eco” (HAYS, 2016, p. 28).

3.1 Citação

A citação, enquanto recurso textual, assume diferentes formas e desempenha múltiplas funções no discurso. Caracteriza-se, essencialmente, pela reprodução literal de um trecho de outra obra, com a devida indicação da fonte, conforme destacado por Genette (1982), Worton & Still (1992) e Fairclough (1992). Essa incorporação de vozes anteriores promove a transparência e o diálogo entre textos, contribuindo para a reafirmação de sentidos e o enriquecimento da interpretação.

No contexto bíblico, a citação, expressa ou implícita, confere autoridade e profundidade, estabelecendo pontes entre diferentes partes do cânone e reverberando a continuidade textual. Em sua obra, Allen e Smith (2019, p. 16) destacam a contribuição de Bill Tooman (2011, p. 690-705) para a identificação precisa de citações na Bíblia Hebraica. Baseando-se em Stefan Morawski, Tooman propõe critérios rigorosos para definir uma citação “própria”, que exigem tanto a concordância literal com a fonte original quanto a clara distinção do material citado em relação ao seu novo contexto. Como isso é raro no Antigo Testamento, ele sugere cinco critérios para identificar alusões ou empréstimos literários: singularidade, distintividade, multiplicidade, correspondência temática e inversão. Esses critérios, que se assemelham aos “sete testes” de

Hays, auxiliam na identificação de reutilização de material bíblico, mesmo quando não configuram citações formais. É crucial distinguir essas citações intencionais de “paralelos verbais”, como os que Smith e Allen mencionam. Paralelos verbais podem surgir inconscientemente, pela familiaridade do autor com textos anteriores, ou por motivos estilísticos, sem a intenção de citar diretamente. Essa diferenciação é complexa, pois as citações no Antigo Testamento raramente são explícitas, marcadas ou seguem a fonte original com exatidão (ALLEN, SMITH, 2019, p. 15).

A partir da discussão anterior, propõe-se uma distinção terminológica: “citação formal” para o que se chama de “citação própria”, e “citação informal” para o que se chama de “paralelos verbais”. A citação “formal” caracteriza-se pela reprodução literal de um texto-fonte, com indicação precisa deste, visando à fidelidade ao original e ao respaldo de sua autoridade. Por exemplo, Romanos 3:4 reproduz fielmente o Salmo 51:4.

Já a citação “informal” opera de forma mais implícita, exigindo um leitor mais ativo na decifração dos antecedentes intratextuais. Segundo seus proponentes, ela se manifesta em diferentes nuances, como no caso da alusão, da paráfrase e do eco. Alusão é dito ser uma referência indireta a outro texto, como em Mateus 2:15, que alude a Oseias 11:1: “Do Egito chamei o meu filho”. A paráfrase, é dita ser uma reformulação do texto original com outras palavras, como em Mateus 5:21-48, que parafraseia Levítico 19, reinterpretando os mandamentos da lei mosaica. O eco, por sua vez, é dito ser a utilização de termos ou expressões pontuais que evocam outro texto, como em João 1:14, que ecoa a linguagem de Gênesis 1:3: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós”, criando uma ressonância com a criação do mundo.

A citação, além de conferir autoridade e profundidade aos textos, desempenha um papel multifacetado no discurso: reafirmar sentido, reforçar argumentos, repetir e comprovar ideias, ilustrar conceitos, estabelecer relações intertextuais, criar diálogos com outras vozes e gerar efeitos teológicos. Mas, as definições não são unânimes. Beetham (2009, p. 15-17), por exemplo, define “citation” e “quotation” como sinônimos, referindo-se à reprodução literal de seis ou mais

palavras de um texto anterior. Ele classifica as citações em formais, que incluem fórmulas introdutórias expressas, como “conforme está escrito”, e informais, que carecem de tais marcadores. A distinção entre citação e alusão, para Beetham, baseia-se principalmente na extensão e no grau de literalidade da reprodução textual. Nota-se, portanto, sensíveis distinções nas tentativas de identificação e classificação das interações entre textos conexos da Bíblia.

Entretanto, as citações formais são geralmente mais extensas e diretas quanto ao texto-fonte, enquanto alusões (ou citações informais) são mais breves e parciais. Hays (2018, p. 23-33) amplia essa perspectiva, inserindo a citação em um espectro de referências de conexões textuais que transita do explícito ao subliminar, abrangendo também alusões e ecos. Uma espécie de tabela que oscila do subjetivo ao objetivo em diferentes níveis de clareza. Ele destaca a complexidade na delimitação desses recursos, especialmente os ecos, que podem se confundir com a própria imaginação do leitor. Para Hays, a citação não se limita à reprodução literal, mas se torna um ato de “figuração”, em que as palavras ganham vida e se transformam em novas situações.

Em síntese, as definições de citação convergem na ideia de que este recurso incorpora enunciados de fontes anteriores, mas divergem nas ênfases dadas à forma, extensão e grau de literalidade, oscilando entre a priorização da reprodução literal e a ênfase na reinterpretação e transformação do material citado. Beetham (2009), por exemplo, introduz a extensão e a literalidade como fatores delimitadores na distinção entre citação e alusão. Enquanto alguns autores, como Allen e Smith (2019), priorizam a distinção entre citações “próprias” e “paralelos verbais”, Hays (2018) amplia a perspectiva ao destacar a importância da transformação e reinterpretação do texto citado, inserindo a citação em um espectro de referências que transita do explícito ao subliminar. As diferentes perspectivas, que abrangem também conceitos como alusão e eco, revelam a complexidade na classificação detalhada desses recursos e a necessidade de uma análise criteriosa na sua identificação e interpretação. A escolha de uma definição específica para citação influencia a forma como as interações entre textos são compreendidas e analisadas.

3.2 Alusão

A alusão é um recurso intratextual que também enriquece a interpretação literária, evocando elementos parciais de um texto anterior – seja por meio de um termo ou expressão – a fim de criar o cenário de significado do texto posterior e demandando para isso a atenção do leitor. A exemplo do que ocorre com a citação, a definição de alusão também é emblemática. As definições propostas por Edenburg (2010, p. 144-145) e Beetham (2009, p. 17-20), por exemplo, embora partilhem de um núcleo comum, apresentam nuances e ênfases distintas. Ambas concordam que a alusão é um recurso intencional, em que o autor evoca um texto anterior para criar uma rede de significados complexa, demandando a participação ativa do leitor. No entanto, a forma como cada autor aborda a intencionalidade do autor, o papel do leitor, os marcadores textuais e o contexto cultural revelam diferentes perspectivas sobre a alusão.

Edenburg (2010, p. 144-145) enfatiza os marcadores textuais como pistas cruciais para identificar alusões, focando no processo cognitivo do leitor. Ele argumenta que a capacidade de decodificar esses marcadores e ativar o repertório literário é fundamental para a interpretação das alusões, atribuindo ao leitor um papel ativo na decifração do significado.

Beetham (2009, p. 17-20), por sua vez, enfatiza a intencionalidade do autor, considerando a alusão um ato deliberado de comunicação. Ele destaca a importância de um repertório cultural compartilhado entre autor e leitor, afirmando que a alusão só é eficaz se o leitor reconhecer a referência e compreender seu significado no contexto da obra.

Sommer (1996, p. 488-489) diferencia “alusão” de “intertextualidade”: a alusão é diacrônica, focando na relação intencional entre textos, enquanto a intertextualidade é sincrônica, analisando múltiplas conexões entre textos e seu contexto cultural. A definição de Sommer sobre intertextualidade aproxima-se da visão de Edenburg, destacando os marcadores textuais e o contexto como fundamentais para a interpretação.

Em outra perspectiva, para Beale (2012, p. 31) uma “alusão” pode ser definida como uma expressão breve, intencionalmente criada por um autor para depender de uma passagem do Antigo Testamento. Beale, assim como Beetham, enfatiza a intencionalidade do autor na criação da alusão. No entanto, Beale se diferencia por restringir a alusão a referências ao Antigo Testamento, enquanto os outros autores a consideram um recurso mais amplo, que pode evocar qualquer texto anterior – inclusive de fora da Bíblia.

Entretanto, as alusões intrabíblicas são um componente importante para entender a unidade da Bíblia, evidenciando a interconexão entre os Testamentos e a revelação divina. Por exemplo: em João 19:30, Jesus declara “Está consumado!”, cumprindo a profecia de Isaías 53:12: “ele derramou a sua vida até à morte, e foi contado entre os transgressores; mas ele levou sobre si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu.” Mateus 2:15, aludindo a Oséias 11:1 (“Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho”), liga Jesus a Moisés, estabelecendo um paralelo entre a saída do Egito e o retorno do Egito. Hebreus, com alusões ao Levítico (especialmente aos capítulos 4, 8 e 9, que descrevem o sacerdócio aarônico e os rituais do Dia da Expição), apresenta Jesus como sumo sacerdote, superior ao sacerdócio levítico. O Apocalipse, referindo-se a Daniel 7 (a visão das quatro bestas e do Filho do Homem) e Ezequiel 38-39 (a batalha de Gogue e Magogue), reforça a unidade da revelação ao retomar elementos escatológicos.

Em síntese, as perspectivas de Edenburg, Beetham e Sommer convergem ao ver a alusão como um mecanismo de conexão textual que enriquece a interpretação literária, mas divergem nas ênfases dadas à intencionalidade do autor, ao papel do leitor, aos marcadores textuais e ao contexto cultural. Edenburg destaca o processo cognitivo do leitor e a importância dos marcadores textuais, enquanto Beetham prioriza a intencionalidade do autor e o repertório cultural compartilhado. Sommer distingue alusão de intertextualidade, aproximando a alusão da visão de Beetham e a intertextualidade da de Edenburg. Beale, por sua vez, restringe a alusão a referências ao Antigo Testamento – ou seja, exclusivamente canônicas. Essas perspectivas evidenciam a complexidade da análise da alusão e os diversos fatores que influenciam sua interpretação.

3.3 Eco

Um outro recurso ainda muito debatido quanto a sua existência é o eco. Alguns defendem que os ecos evocam e amplificam significados, criando um diálogo de ressonância entre diferentes textos. Alega-se, por exemplo, que o clamor de Jesus na cruz (Mt 27:46), “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”, ecoaria o Salmo 22:1, expressando o sofrimento e o abandono do justo. A imagem do “Cordeiro de Deus” em João 1:29, que remove o pecado do mundo, evocaria o cordeiro pascal de Êxodo 12, sacrificado para a libertação do Egito, prefigurando o sacrifício de Cristo. Em Romanos 9:25, Paulo cita Oséias 2:23, aplicando a profecia da inclusão dos gentios à Igreja, demonstrando a continuidade do plano divino. A expressão “reino de sacerdotes” em 1 Pedro 2:9 remete a Êxodo 19:6, afirmando o sacerdócio universal dos cristãos, herdeiros das promessas feitas a Israel. Esses alegados ecos, além de embelezar a linguagem bíblica, revelariam a continuidade do plano divino e aprofundam a compreensão da mensagem das Escrituras. Contudo, nos casos citados, há elementos em forma de termos e/ou expressões que permitem uma conexão entre os textos anteriores e os posteriores, o que para muitos autores significaria classificar tais ocorrências como alusão.

Tentativas tem sido feitas para distinguir de maneira mais clara e segura tais ocorrências. Mas Beale (2012, p. 32), por exemplo, argumenta que a distinção entre “ecos” e “alusões” pode não ser tão útil na prática, já que alguns estudiosos usam os termos como sinônimos e outros os diferenciam apenas pelo grau de clareza da referência ao Antigo Testamento. Ele reconhece a dificuldade em estabelecer critérios rígidos para identificar cada um deles, optando por critérios mais gerais e básicos para ambos.

Para Beale, a análise de cada caso específico é fundamental para determinar se uma passagem do Novo Testamento se trata de uma alusão ou eco do Antigo Testamento. A dificuldade em distinguir ecos e alusões apontada por Beale revela um problema recorrente nos estudos bíblicos: a criação de categorias complexas que, na prática, se mostram pouco claras e de difícil aplicação. A falta de critérios mais precisos para diferenciar ecos e alusões gera ambiguidade e dificulta a análise textual. É necessário, portanto, buscar critérios mais rigorosos

e que derivem do próprio texto, já que adotar critérios mais gerais e especulativos ainda não foram suficientes para dirimir as ambiguidades de tal discussão.

Como se nota, a noção de “eco” como ferramenta de análise literária, embora explorada por diferentes autores, apresenta amplas nuances e variados pontos de divergência.

Hays (2018, p. 19-20) e Hollander (1981, p. ix, 111), por exemplo, concebem o eco como uma ressonância sutil entre textos, em que elementos de uma obra anterior são evocados implicitamente em outra, criando uma relação textual que transcende a mera citação. Essa relação, segundo Hollander (1981, p. ix, 111), envolve a “transumância” de elementos textuais entre diferentes contextos, ou seja, a migração de temas, imagens e ideias de um texto para outro. Essa transumância se dá por meio da “metalepse”, um processo retórico que consiste em transgredir as fronteiras entre diferentes níveis narrativos ou temporais.

O eco, em tal perspectiva subjetivista, não apenas conecta textos, mas também os transforma, convidando o leitor a uma exploração mais profunda das camadas de significado. O termo “transumância”, utilizado por Hollander, refere-se à migração sazonal de pastores e rebanhos em busca de pastagens. Hollander o utiliza metaforicamente para descrever a migração de elementos textuais entre diferentes obras literárias. A “metalepse” é um recurso retórico que consiste em transgredir as fronteiras entre diferentes níveis narrativos ou temporais. Na literatura, a metalepse pode se manifestar de diversas formas, como a interação entre personagens e o narrador, a inserção de elementos do mundo real na ficção, ou a mistura de diferentes planos temporais. No contexto do eco, a metalepse descreve a forma como elementos de um texto anterior são reinterpretados e transformados em um novo contexto.

A noção de “camadas de significado” se refere à ideia de que os textos literários possuem múltiplos níveis de interpretação, que podem ser revelados por meio da análise de elementos como a linguagem, a estrutura, os personagens, o contexto histórico e as relações intertextuais. Assim é proposto que o eco, ao conectar o texto a obras anteriores, contribui para a revelação dessas camadas de significado, permitindo uma compreensão mais profunda da obra. Nota-se,

no entanto, o intrincando nível de subjetividade nessa perspectiva, cabendo uma reflexão acerca de sua perceptível desvinculação aos critérios do próprio texto.

Beetham (2009, p. 20-24), por sua vez, define “eco” como um modo de referência literária sutil, derivado de um precursor específico, mas sem a intenção de reconhecimento público, distinguindo-o da alusão por sua natureza potencialmente inconsciente. Comparando as duas perspectivas, observamos pontos de convergência e divergência. Ambas reconhecem a sutileza do eco como forma de referência implícita e destacam seu papel na construção de relações textuais, conectando o texto em questão a obras anteriores. Do mesmo modo, concordam que a identificação do eco e a análise de suas ressonâncias com o texto-fonte revelam camadas de significado ocultas, promovendo uma compreensão mais profunda da obra. A noção de “camadas de significado” se refere à ideia de que os textos literários possuem múltiplos níveis de interpretação, que podem ser revelados por meio da análise de elementos como a linguagem, a estrutura, os personagens, o contexto histórico e as relações intertextuais. O eco, ao conectar o texto a obras anteriores, contribui para a revelação dessas camadas de significado, permitindo uma compreensão mais profunda da obra.

No entanto, enquanto Hays (2018, p. 19-20) e Hollander (1981, p. ix, 111) enfatizam a intencionalidade do autor na criação do eco, Beetham (2009, p. 20-24) admite a possibilidade de ecos inconscientes. Outra diferença reside na exploração do conceito de “metalepse” como processo central na transumância de significados entre textos, presente em Hays (2018, p. 19-20) e Hollander (1981, p. ix, 111), mas não aprofundada por Beetham (2009, p. 20-24). A “transumância de significados” descreve o alegado processo de migração de significados entre diferentes textos por meio do eco. A metalepse, como recurso retórico, é dita contribuir para essa transumância ao transgredir as fronteiras entre diferentes níveis narrativos ou temporais, permitindo que elementos de um texto anterior sejam reinterpretados e transformados em um novo contexto. Por fim, Hays (2018, p. 19-20) e Hollander (1981, p. ix, 111) dão maior ênfase ao papel ativo do leitor na interpretação do eco, enquanto Beetham (2009, p. 20-24) concentra-se na perspectiva do autor.

Em síntese, as definições de eco propostas por Hays (2018, p. 19-20), Hollander (1981, p. ix, 111) e Beetham (2009, p. 20-24), embora apresentem nuances peculiares, convergem na compreensão desse recurso como uma forma sutil de conexão textual que aprofunda a análise literária. As divergências, por sua vez, demonstram a complexidade do conceito e as diferentes abordagens que desafiam sua aplicação como ferramenta de interpretação textual.

4. Mapa da intratextualidade bíblica

A quantificação e a classificação das conexões intrabíblicas nas Escrituras variam significativamente entre os autores, evidenciando a complexidade da conexão bíblica e a diversidade de abordagens metodológicas. As divergências se manifestam na definição dos critérios de identificação, como a intencionalidade do autor, os tipos de conexão e o nível de vínculo em significância, bem como na classificação das conexões, incluindo as categorias e as relações entre os textos. Fatores como a compreensão da inspiração bíblica e as diferentes perspectivas hermenêuticas também contribuem para essa variação. Consequentemente, a forma como essas conexões são identificadas e classificadas impacta diretamente a interpretação da mensagem bíblica e a compreensão da sua unidade e relevância.

Compreender as nuances e os pressupostos por trás dessas divergências é essencial para uma leitura consistente e consciente das Escrituras. A quantidade de conexões propostas depende das categorias usadas (e seus pressupostos). Isso, claro, impacta diretamente na interpretação feita, já que as conexões poderão ser suprimidas, exageradas ou distorcidas. Por exemplo, e conforme exemplificado neste breve estudo, alguns autores utilizam categorias já conhecidas e amplas, como “citação”, “alusão” e “eco”, enquanto outros propõem espectro ainda mais amplo e acrescentam categorias menos conhecidas e mais específicas, como “paráfrase”, “alegorização” e “tipologia”. A identificação das categorias e a forma como são definidas influenciam a análise e a classificação das conexões, o que pode levar a diferentes interpretações da mensagem bíblica.

Exemplos de como as categorias impactam a análise podem ser notados na tabela abaixo. Se um autor utiliza categorias amplas, como “alusão”, ele pode incluir uma grande variedade de referências que entende estarem vinculadas,

o que pode levar a uma superestimação da quantidade de conexões. Por outro lado, se um autor utiliza categorias mais restritas, como “citação direta”, ele pode excluir muitas conexões que não se encaixam nessa categoria específica, o que pode levar a uma subestimação da quantidade de conexões. Ademais, os pressupostos teológicos do autor também influenciam diretamente a escolha das categorias. Por exemplo, um autor que acredita na inspiração verbal da Bíblia pode tender a identificar mais conexões do que um autor que adota uma perspectiva mais crítica em relação à formação do cânone.

Tabela – Quantificação das propostas⁴

Propostas	Anos	Escopo	Citação	Alusão	Eco	Total
Toy, 1884, p. ix	1884	NT - AT	-	613	-	613
Hühn, 1900	1900	NT - AT	-	4105	-	4105
Dittmar, 1903, p. v	1903	NT - AT	-	1640	-	1640
Sweet, 1939, P. 4:1516	1939	NT - AT	300	-	-	300
Nestlé, 1952, p. 658-671	1952	NT - AT	-	-	-	950
Nicole, 1958, p. 137	1958	NT - AT	250	45	-	295
Aland, 1966. p. 897-920	1966	NT - AT	-	-	-	4300
Shires, 1974, p. 15	1974	NT - AT	239	1167	198	1604
Archer, Chirichigno, 1983, p. xi	1983	NT — AT	410	-	-	410
Moyise, 2004, p. 145	2004	NT - AT	-	-	-	338
Moyise, 2008, p. 151	2008	NT - AT	-	-	-	379

Assim, a variação na quantificação e classificação das conexões intrabíblicas pode ter diversas consequências para a interpretação da Bíblia, tais como: diferentes interpretações e ênfases teológicas, diferentes compreensões da unidade da Bíblia e diferentes abordagens pastorais. É essencial que os intérpretes da Bíblia estejam conscientes das diferentes categorias e pressupostos que

4. Os dados apresentados foram compilados a partir das obras referenciadas (Toy, 1884; Hühn, 1900; Dittmar, 1903; etc.), que quantificam conexões textuais entre o AT e o NT. As variações refletem diferenças metodológicas e critérios de identificação adotados por cada autor.

influenciam a análise das conexões intrabíblicas. A escolha das categorias e a forma como são definidas devem ser justificadas e analisadas “textualmente”, para que a interpretação da mensagem bíblica seja consistente e fundamentada (KAISER JR, 1985, p. 1).

5. Considerações finais

Foi notado que as diferentes formas de conexão textual, com suas nuances e funções específicas, de fato estão presentes no texto bíblico e contribuem para a coesão e unidade das Escrituras, demonstrando a continuidade da revelação divina e enriquecendo a interpretação da mensagem bíblica. Nessa linha, evidenciou-se que as conexões bíblicas não se limitam à mera repetição de temas e ideias, mas envolvem também a reafirmação e o aprofundamento de conceitos e metanarrativas. A intratextualidade desempenha um papel crucial no desenvolvimento da teologia bíblica, à medida que autores posteriores revisitam, retomam e explicam temas e conceitos apresentados em textos anteriores. Por exemplo, a comparação entre os relatos da criação em Gênesis 1 e 2 ilustra como a cosmogonia é abordada sob diferentes perspectivas, complementando-se mutuamente. Outro exemplo é a tipologia adâmica desenvolvida por Paulo em Romanos 5:19, que conecta a Queda em Gênesis 3 com a redenção em Cristo, demonstrando a unidade temática da Bíblia e o papel central de Cristo na história da salvação. As conexões intratextuais, portanto, revelam a interação dinâmica entre os diferentes livros e autores e a forma como a mensagem bíblica foi sendo transmitida e recebida ao longo da história.

A análise intratextual, desse modo, se mostra essencial para uma compreensão mais profunda e contextualizada das Escrituras, permitindo apreender a riqueza e a complexidade da mensagem bíblica em seus diferentes níveis. Tal intratextualidade bíblica se reveste de importância como ferramenta de análise e interpretação das Escrituras, contribuindo para uma leitura mais consistente e aprofundada do seu conteúdo. Isso porque, conforme restou evidente, há na Bíblia muitas ocorrências de reusos de textos que atestam a adoção de tais recursos literários pelos escritores. Contudo, conforme foi também notado, o

próprio texto não classifica tais reusos da maneira tão técnica como às vezes é proposta por alguns teóricos atualmente.

Portanto, considerando a intratextualidade bíblica como um fenômeno multifacetado que permeia as Escrituras e que ainda é objeto de intensa discussão no campo hermenêutico este estudo buscou recapitular algumas das perspectivas de conexões intratextuais, aprofundando a compreensão da sua identificação, classificação e função na construção de sentidos e na transmissão da mensagem bíblica. A partir da observação de diferentes autores e da aplicação do método comparativo, foi possível constatar a variedade e complexidade das propostas de leitura das relações intratextuais presentes na Bíblia, evidenciando-se a utilização de recursos como citações, alusões, ecos e traços. Foi destacado que em tal cenário a identificação, classificação e uso do recurso de conexão textual não deveria ser deixado à mercê de critérios subjetivos do autor. Tal prática cria um cenário de ambiguidade, insegurança e potencial equívoco interpretativo no tocante aos textos conexos. Resta a outro estudo o desafio de comparar as propostas de identificação de critérios mais objetivos para a identificação e classificação “textualmente vinculada” das conexões bíblicas.

Referências

- ALAND, K. BLACK, M. METZGER, B. WIKGREN, A. (ed.). The Greek New Testament. New York: United Bible Societies, 1966.
- ARCHER, G. CHIRICHIGNO, G.. Old Testament Quotations in the New Testament. Chicago: Moody Press, 1983.
- ATTRIDGE, Harold W.. The Uses of Antithesis in Hebrews 8–10. *Harvard Theological Review*, [S.L.], v. 79, n. 1-3, p. 1-9, jul. 1986. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/s0017816000020289>.
- BEALE, G. K. Handbook on the New Testament Use of the Old Testament. Grand Rapids: Baker Academic, 2012.
- BEETHAM, Christopher A. Echoes of Scripture in the Letter of Paul to the Colossians. Biblical Interpretation Series, v. 96. Leiden: Brill, 2009.
- BUCHANAN, George. Introduction to Intertextuality. Lewiston, NY: Edwin Mellen, 1994. apud MOYISE, Steve. Intertextuality and the Study of the Old Testament in the New Testament. In: MOYISE, Steve (ed.). The Old Testament in the New Testament: Essays in Honor of J. L. North. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000. p. 15. (JSNTSup; 189).

DELCOR, Mathias;. PEARSON, Burgess A. Melchizedek from Genesis to the Qumran Texts and the Epistle to the Hebrews. *Journal for the Study of Judaism in the Persian, Hellenistic, and Roman Period*, v. 2, n. 2, p. 115-135, 1971.